



ISSN: 1983-8379

## Um olhar sobre *Poesia Liberdade*, de Murilo Mendes

Angie Miranda Antunes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O poeta mineiro Murilo Mendes trata em sua obra, e mais especificamente no livro *Poesia liberdade* (1947), do "estar" do homem em um mundo caótico, com estruturas e verdades desequilibradas. Os modos da escrita muriliana envolvem superficialidades e segredos cotidianos bem como o horror da guerra e da morte. Busca-se, no mundo pós II Guerra Mundial, maneiras de dizer não à "exclusão" e a poesia é o lugar escolhido para aprender a somar "ser e não ser", em busca da liberdade.

Palavras-chave: Poesia; Murilo Mendes; Liberdade; Modernidade; Pós-modernidade.

**ABSTRACT:** The Brazilian poet Murilo Mendes specially in his work entitled *Poesia liberdade* (1947) talks about the "being-in-the-world" with unbalanced structures and changing truths. The modes of his writing involve superficialities and daily secrets as well as the horror of war and death. In the post II World War the seek is for ways to say no to the "exclusion" and poetry is the chosen place to learn how to add "being and not being" in search of freedom.

Key-words: Poetry; Murilo Mendes; Liberty; Modernity; Pos-modernity.

*Entretanto cada um deve beber no coração do outro*  
MURILO MENDES

Diversos conflitos armados, descrença em relação ao chamado "progresso" capitalista devido à impossibilidade deste envolver todos e todas e fazê-los progredir de forma igualitária, o arrefecimento da religiosidade como fio condutor, a repercussão da teoria da Evolução das espécies por Charles Darwin, da Relatividade de Albert Einstein e das proposições acerca do inconsciente de Sigmund Freud. Elementos pulsantes compreendidos no cenário do fim do século XIX e princípio do século XX em um mundo que já caminhava para se tornar uma "aldeia global", aproximando e envolvendo economicamente as nações. Este panorama conflituoso – uma vez que este mesmo modelo econômico-social culminou em duas guerras mundiais –, somado a necessidade constante de se erguer perante as dificuldades, faz com que o corpo social desacredite no modelo de realidade instaurada, exacerbando a ansiedade e o ceticismo. Assim, também a arte apresenta ou representa tais mudanças e

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários pela UFJF.



ISSN: 1983-8379

inseguranças em figuras disformes, com numerosas propostas estéticas de (re)inserir o homem no mundo.

Alfonso Berardinelli em “Poesia e gênero lírico: vicissitudes pós-modernas” (2007) demarca os acontecimentos em torno da II Grande Guerra como marco histórico da passagem da Modernidade para Pós-modernidade artístico-literária.

“O Pós-moderno começa já nos anos 1940, durante e sobretudo após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando a centralidade europeia declina e o ‘século americano’ sai definitivamente do estado de latência e explode nas formas mais evidentes em todos os campos: política, estilo de vida, cultura de massa, e cultura das elites” (BERARDINELLI, 2007, p. 177).

Caminha-se, então, para o *envelhecimento da modernidade e da vanguarda* tratado por Adorno (cf. BERARDINELLI, 2007, p. 177), quando as surpresas e os choques causados pela *estetização do vazio* (BERARDINELLI, 2007, p. 176) já não alcançam o mesmo efeito. O momento pós guerra permitia e até buscava o engendramento de elementos díspares pulsantes. Compreendido neste engendrar, o poeta mineiro Murilo Mendes trata em sua obra, e mais especificamente no livro *Poesia liberdade* (1947), do "estar" do homem em um mundo caótico, com estruturas e verdades desequilibradas. Neste momento de passagem, a obra muriliana mantém-se na tensão entre as reminiscências da estética da Modernidade e as necessidades de busca-e-retorno da Pós-modernidade, como a inclinação por alguma manifestação de religiosidade.

Laís Corrêa de Araújo em "Abertura para o debate" (1997) afirma que o poeta Murilo "se muniu para a guerra não-explicita com a 'dominância planetária da técnica' de duas armas secretas e pouco conhecidas dos outros mortais pré-destinados à destruição: um quase feroz *humanismo* e uma maturada expectativa do *Absoluto*" (ARAÚJO, 1997, p.12). A autora afirma que para o poeta, o humanismo seria "através da crença – o único pressuposto positivo de redenção perante o expurgo da criação estética" (ARAÚJO, 1997, p.12). Os poemas murilianos da obra em questão foram escritos ao longo da II Guerra Mundial, tendo a própria guerra como um de seus temas, sendo possível perceber que o sujeito lírico aponta e propõe uma arte “humanista” como caminho para tornar o mundo um lugar melhor de viver para seus habitantes – a começar pela dedicatória “Aos poetas moços do mundo”.



ISSN: 1983-8379

Tudo no universo marcha, e marcha para esperar:  
Nossa existência é uma vasta expectativa  
Onde se tocam o princípio e o fim.  
A terra terá que ser retalhada entre todos  
E restituída em tempo à sua antiga harmonia. Tudo marcha para a arquitetura  
perfeita:  
A aurora é coletiva. (MENDES, 1947, p. 411)

Numa primeira olhadela nos poemas, o leitor pode estranhar títulos diversos e sequenciais como "Ofício humano", "Tempos duros", "Fábula" e "Murilo menino". Não parece possível traçar um paralelo entre tais poemas inseridos no mesmo livro intitulado *Poesia Liberdade*. Nem mesmo numa primeira leitura. Estranha ao desavisado a fluência e simplicidade da linguagem. Surpreende, entretanto, a sedução da linguagem paradoxal que possibilita outras leituras. A fragmentação assoalha-se em imagens mesmas, que repetem, embora com modos diferentes. A morte, por exemplo, é apresentada de forma assustadora "a morte coletiva apodera-se da morte da cada um" (MENDES, 1947, p. 403); irônica "Comemos o que roubamos aos mortos conhecidos e anônimos" (MENDES, 1947, p. 404), mas também libertadora "Não acho liberdade em ninguém/Morrendo, sou livre enfim" (MENDES, 1947, p. 412).

A estética ousada que obteve respostas mais tardia, dificulta a compreensão do texto. *A priori*, as definições e rotulações dentro de um único poema correm o risco de beirar a uma linguagem ineficiente. No "Poema estático", por exemplo, dos sete verbos, apenas "esperam" passa a ideia de ausência de movimento indicada no título, diferentemente de todos os outros: "vestir", "caminhar", "acende", "pesa", "confronto-me", "crescer". Porém, são as formas que aguardam para serem trabalhadas, são as

formas (que) esperam  
Nossa cooperação  
No campo fértil  
Da funda morte,  
Da vida envolvente  
Sempre a crescer (MENDES, 1947, p.402).



ISSN: 1983-8379

Quais formas seriam estas? As do poema? Os preceitos ou pré-concepções que herdamos? Seriam as formas de resolver conflitos? As amarras sociais? Tudo isso junto? Tal problematização em torno de único verbo que não se opõe ao título do poema em questão possibilita abertura e interpretações, mantendo a vivacidade da poesia muriliana. Trata-se de um pensamento libertário, cuja função poderia ser definida como uma tentativa de agregar para, *a posteriori*, expandir para outros temas, vivências ou para um simples outro que não seja o sujeito lírico em si.

Michel Collot em “O sujeito lírico fora de si” (2004) recorre a Lamartine, Rimbaud e a Baudelaire em busca das nuances da arte moderna (contrapondo-se às concepções hegeliana e cartesiana do sujeito) e afirma que o sujeito lírico “se constitui no ponto de encontro entre o interior e o exterior, entre o mundo e a linguagem” (COLLOT, 2004, p. 169). É no ato da enunciação que o eu – lírico se torna possível e é também este o momento da alteridade. Desta forma, a alternância entre ordem e desordem aponta para uma fragmentação do ser inserida na elucubração do poema. “Pós-poema” se inicia mostrando um ser em progressão, um hoje diferente: “O anteontem – não do tempo mas de mim”. Segundo o próprio eu - lírico, esta é uma condição de vivência, não de “ilusão” ou “lamento”, “trata-se de substituir o lado pelo centro”.

O que é da pedra também pode ser do ar.  
O que é da caveira pertence ao corpo:  
Não se trata de ser **ou** não ser,  
Trata-se de ser e não ser (MENDES, 1947, p.433).  
(grifo nosso)

Extinguiu-se a dicotomia de um ou outro lado. Não há exclusão, há soma “ser e não ser”. As limitações e categorizações são agora vazadas, trespassadas. Elementos aparentemente distintos como “pedra” e “ar” possuem pontos de semelhanças. De forma análoga, o “Poema dialético” afirma um mundo em movimento, em constante diálogo consigo e com o outro: “Tudo vive em transformação”. Assim como o “eu”, o mundo muda de forma: “ao contínuo parto das belas formas”. Para sobreviver, “é necessário conhecer seu próprio abismo/E polir sempre o candelabro que o esclarece” (MENDES, 1947, p.410). Aceitar o próprio esfacelamento, aprender a lidar com o devir e, às vezes, até mesmo ansiá-lo como no



ISSN: 1983-8379

poema "Desejo", cujo eu - lírico quer se multiplicar para agir como muitos "e deter a roda descomunal/Que tritura corpos e almas" (MENDES, 1947, p. 417).

A busca é por liberdade. Tornar-se muitos significaria ter opções, trata-se da alteridade do sujeito lírico. É preciso diálogo e não dicotomias entre certo/errado; bem/mal; ciência/religião; inimigo/aliado. O poema "Murilo menino" relata este desejo por soma, engendrando a liberdade de crença, de classe social, de vida. O "preto velho Isidoro" juntaria o som de sua flauta ao do piano "lá no salão azul da Baronesa". Além do preto velho, mãe-d'água (seria Iemanjá?) e Virgem Maria compõe um cenário harmonioso no poema. A vontade do menino é "montar o vento em pêlo", sem arreios ou amarras (cf. MENDES, 1947, p. 409).

A liberdade aparece no "como" e no "o quê" poeta diz. À primeira leitura fica difícil delimitar um assunto comum a todos os poemas ou até mesmo em único poema. Nem mesmo uma identidade a qual os poemas poderiam se fiar. Parece-nos que o poeta se coloca no centro, capturando e anotando tudo. Por isso as várias versões de uma mesma coisa, múltiplos pontos de vista. Murilo Mendes traz o privado a público no cotidiano e, concomitantemente, insere o público no privado, mostrando, por exemplo, os reflexos da guerra.

A questão da morte pode-se perceber a proposição feita anteriormente do diálogo entre público e privado na obra muriliana. Nos poemas "A ceia sinistra", "A noite e suas operações" e "Tempos duros" temos três visões acerca da morte apesar de todas estarem ligadas à guerra. O sexto poema pela ordem da publicação apresenta um tom completamente diferente dos anteriores. O tema da guerra é escancarado. O título "A ceia sinistra" já causa estranhamento, pois relaciona uma palavra que ecoa o terror, que é acompanhada por arrepio, com uma outra "ceia", que remete à tranquilidade, ao momento de recolhimento, bem como à referência cristã da Última Ceia de Jesus Cristo com os apóstolos. Seria um tom irônico acerca dos comandantes/responsáveis, quando num ato simbólico, precisam lidar com os restos morais sobrepujados pelos restos mortais dos soldados. Ou seria a tristeza daqueles, que desgraçados pela miséria da guerra, vasculham em meio aos mortos por sobrevivência. Onde estaria o sujeito lírico? "Sentamo-nos à mesa servida por um braço de mar./Eis a hora propiciatória, augusta,/A hora de alimentar os fantasmas" (cf. MENDES, 1947, p. 403-404).



ISSN: 1983-8379

A morte está no *front*. A tal mesa "servida por um braço de mar" é colocada diante do desembarque de uma tropa. Questiona-se quem são aqueles de espada em punho. Sabe-se apenas que "o homem morre sem ainda saber quem é". A quantidade de mortos impossibilita a identificação e "a morte coletiva apodera-se da morte de cada um". Não há singularidades diante do horror da guerra, apenas a massificação de meninos em soldados, de pessoas em miseráveis, de nação em o outro, o inimigo. O homem, descaracterizado, deixa de ser senhor de si, passa a ser comandado por um "tank" e ante o terror "a alma oprimida soluça" Não há distinção entre "alma antiquíssima e nova", nenhuma das duas é capaz de dizer de si, estão descompassadas, sem suas melodias. Tudo o que o combatente deixou ainda o espera. Na terceira parte do poema, "os mortos perturbarão a festa inútil" numa analogia às condecorações feitas aos heróis de guerra. Mas agora "eles não precisam mais de carinho ou de flores" Diferente do "nós" que está apenas a olhar, os mortos "estão libertos, vivos, / Pisando calmo sobre nossas covas". Enfim, ao banquete daquilo "que roubamos aos mortos conhecidos e anônimos" (cf. MENDES, 1947, p. 403-404).

No poema "A noite e suas operações", a morte deixa o *front* e chega aos civis, acelerando seus corações. Mas não há tempo para os mortos. Surpreende ainda "um clarão de catástrofe (que) contagia os passantes". O eu - lírico questiona a própria posição de observador "para recolher o essencial", pois cabe a algo superior tal tarefa: "E compartilhar sem coroa de espinhos / O que é privilégio exclusivo do Ente dos entes". Estaria o eu - lírico se reconhecendo menor e limitado "em face dos despojes da vida"? (cf. MENDES, 1947, p. 405).

Já o poema "Tempos duros" (cf. MENDES, 1947, p. 408-409) retrata uma morte universal. Ainda a morte da guerra, mas com uma conotação simbólica de tempos escuros, difíceis:

E a morte vem recolher  
A parte de lucidez  
Que durante tanto tempo  
Esconderá sob os véus (MENDES, 1947, p. 409).



ISSN: 1983-8379

Encontramos a morte nos indícios. Há sangue "no monumento ao deserdado desconhecido". "O mar furioso" que no outro momento foi cenário de morte agora

devolve à praia  
Aliança de casamento dos torpedeados  
E a fotografia de um assassino,  
Aos cinco anos - inocente - num velocípede (MENDES, 1947, p.408).

A guerra perpassa quase todos os poemas. No primeiro, "Poema presente" (MENDES, 1947, p. 401), a guerra não está escancarada como em "A ceia sinistra". Temos uma antevisão da capacidade de destruição de "um pensamento de guerra" em "anula(r) o que poderia vir/Da água, da rosa, da borboleta". Quanto ao termo "presente" do título, pode se referir tanto aos dias correntes, ao tempo presente; tanto quanto ao ato de presentear alguém com alguma coisa. No caso do tempo presente poderíamos pensar no ano 1943, de quando é datado o poema. Está em andamento a II Guerra Mundial e o poema trataria do início do conflito. No caso de presentear alguém, o poema poderia se referir ao presente que aquela geração deixaria para as futuras – a guerra aniquila o devir-natureza, restaria apenas a devastação.

Diante da devastação, o poeta apresenta a crença, uma determinada religiosidade, com a qual insiste em dizer que "a aurora é coletiva" (MENDES, 1947, p. 411). Na última estrofe do "Poema presente", há um tom de esperança: "Sombras pedindo corpos/Esperam desde o dilúvio/O sopro de um puro espírito./Separam a luz da luz". De maneira análoga, o "Poema antecipado" (MENDES, 1947, p. 402) trata de uma crença em algo anterior e posterior, que ultrapassa a existência do eu - lírico: "antes de nascer eu já via". Verso este que nos remete também à possibilidade de um eu - lírico vidente, capaz de ver antes de todos. Haverá "sempre um espírito guardião" capaz de "desenvolver o germe augusto" (numa possível referência aos tempos áureos do Império Romano e seus majestosos líderes). "O homem respira a Criação" e se torna capaz de sentidos suprimidos sem o contato com a sua origem, o homem passa a ver, "o corpo todo verá" Em "Maran Atha!" (MENDES, 1947, p.417), "todos têm direito a árvore da vida" e há o pedido ansioso ao Cordeiro "Vinde presto".

Do macro para o microcosmo, Murilo Mendes trata do cotidiano. No poema "O rato e a comunidade" (MENDES, 1947, p.406), descreve as coisas e as pessoas do dia-a-dia,



ISSN: 1983-8379

tratando de superficialidade e segredos. As conversas e as roupas cotidianas não passam de um invólucro, que o protege, impedindo o acesso de outros. Em "As lavadeiras" (MENDES, 1947, p. 424), a sucessão dos dias e dos movimentos lava tudo o que deveria ficar no passado como "os mortos" e "as idéias antigas".

As lavadeiras no tanque branco  
Lavam o espectro da guerra.  
Os braços das lavadeiras  
No abismo noturno  
Vão e vem (MENDES, 1947, p.424).

O poema "A manhã" (MENDES, 1947, p. 402) poderia se referir à manhã seguinte a uma noite longa e tenebrosa ou a um amanhã, um tempo futuro a dias difíceis, de penumbra. De qualquer forma, em confluência com "Poema antecipado", este poema mantém um tom de esperança. A partir do trabalho que as coisas voltam ao seu lugar: "os braços espantam/Os restos da noite". Aos poucos a rotina retoma o seu lugar – "Sai um homem para o trabalho,/Saem dois, saem três, saem mil" e eles já têm algumas certezas: estão "pensando na volta".

Tensionado entre formas de fazer com que "a aurora" seja "coletiva", ora o eu -lírico se volta para o "Ente dos entes" ou um "espírito guardião", demonstrando uma crença fervorosa, como dito anteriormente. Ora não será um ser superior, mas as pessoas que construirão um lugar melhor como no poema "A manhã". Ora questiona a quem cabe tal tarefa. Em "Tentação" (p. 424), o eu - lírico se coloca diante do crucifixo e tremendo diz "Já que és o verdadeiro filho de Deus/Despreza a humanidade desta cruz". Independente de onde venha, o tom final do último poema "Janela do Caos" (MENDES, 1947, p.436) é de esperança na busca pela liberdade. O eu - lírico conhece a trajetória da humanidade de dor e sofrimento. São vozes de várias origens que agora cantam juntas:

Pulsção da humanidade  
Que desde a origem até o fim  
Procura entre tédios e lágrimas.  
Pela carne miserável,  
Entre colares de sangue,  
Entre incertezas e abismos,  
Entre fadiga e prazer.





ISSN: 1983-8379

A bem-aventurança.  
Além dos mares, além dos ares,  
Desde as origens até o fim,  
Além das lutas, embaladores,  
Coros serenos de vozes mistas,  
De funda esperança e branca harmonia  
Subindo vão (MENDES, 1947, p. 439).

Aproximando-se da obra, *Poesia liberdade* parece significar "poesia poesia" ou "liberdade liberdade". O texto poético clama pela libertação das amarras, cita e incita "o choque de teus pensamentos furiosos/Com a inércia da boca e dos braços dos outros". A arte poética muriliana apresenta formas livres em versos pequenos e velozes como em "Canção pesada", bem como frases longas, orações completas no que pede a valência de cada verbo, lembrando Walt Whitman nos primórdios do modernismo norte-americano. Não há reticências no pensamento. A pontuação se faz presente com ponto final e vírgula, há alguns parênteses. Uma mudança ocorre com o ponto de interrogação que, assim como na língua espanhola, é colocado antes da frase. O tom é de questionamento, não exclamativo. A extensão dos poemas varia de longo como "Janela do caos", dividido em onze partes, ou curto como "A tentação" com apenas quatro versos.

São muitos os meta-poemas, principalmente na segunda parte do livro, do poeta que declara: "vejo, ouvindo, ouço, vendo". No poema "Quando" (MENDES, 1947, p.423), o poeta diz da continuidade da poesia que seguirá num reviosinismo (termo de Harold Bloom), ou seja, "novos poetas se formarão das minhas cinzas/E a centelha da Idéia antecedente/Será restituída à sua vida original". Em "Contemplação" (MENDES, 1947, p.430), o poeta trata dos caminhos percorridos pela poesia "debaixo das tuas pálpebras", "nas alamedas do lustre", onde "cada instante assume um século".

Os verso "Dos braços do poeta/Pende a ópera do mundo" abrem o poema "Aproximação do terror" (MENDES, 1947, p.431), cujo tema parece ser quais os temas dos "subúrbios da caneta" podem "dar de comer ao poema". "Poema de além-túmulo" (MENDES, 1947, p.431), situa o poeta num lugar privilegiado no sentido de ver paralelamente ao horror da guerra, sinais de esperança. O "Pós-poema" (MENDES, 1947, p.432) aponta para possibilidades num mundo de soma e não de exclusão. Em "Poema novo" (MENDES, 1947,



ISSN: 1983-8379

p.435), o poeta se encontra "contemporaneamente ... num espelho" e reporta alguns dos "palimpsestos que descobrimos em nós".

O ser fragmentário que se redescobre a todo o momento pensa também na forma. As formas infantis se moldam aos desejos dos pais ("A criança", p.420). Em "Naturezas mortas" (MENDES, 1947, p.422), "cada forma distanciada de sua substância/Clama seu exílio na mesa". "A forma da noite carrega/Lanternas à esquerda e à direita" em "Tempo íntimo" (MENDES, 1947, p.422). Em "O espelho" (MENDES, 1947, p. 423), não se enxerga mais a forma humana "cansada de grito e gesto". O poema "A forma e a fôrma" deslinda um eu - lírico que não se conhece. Sabe que a alma possui a forma do corpo, mas "nunca exato o vi(u)"

Entre as formas, cabe o trânsito entre artes perceptível através das diversas referências musicais ao longo da obra: "Anônimas sanfoninas/Alternam com sábias" Cabe também a hipertextualidade explícita com as obras de Emile Brontë e Ismael Nery.

A linguagem diz formas e se faz e desfaz em formas, apresenta figuras de linguagem como a sinestesia: "ouço teus olhos amarelos"( MENDES, 1947, p. 429). No "Poema da tarde" (MENDES, 1947, p.402), num momento de reflexão, o eu - lírico tem a tarde movendo-se entre suas mãos, onde já não há mais dedos, mas galhos. Retorcidos? Secos? A desumanização do ser que se afasta daquilo que lhe é mais caro e vertical ou seria tal a integração do ser com a natureza a ponto de se tornarem um. A natureza em *Poesia Liberdade* reage aos acontecimentos, ganhando novas formas, mudando sua essência: "A terra chove suor e sangue" e até mesmo transfigurando-se: "As ondas mugem". A natureza apresenta seus elementos: a dubiedade do vento que "agora sopra sereno", mas antes causava transtornos. A "roseira em pé" que traz esperanças. E a manhã e a noite simbolizando, respectivamente, a possibilidade de melhoria e algo a ser afastado, ruim.

A "Memória" (MENDES, 1947, p. 415) do eu - lírico se constitui desde os primórdios do nascimento e alcança a posterioridade, neste interstício ele vivência "a danação", dúvida de sua essência, a inocência se inclinando. Clama aos artistas do futuro que digam tempos melhores para o homem "que sonhando se arrisca" e assim, louvar àqueles que viverão "a posterioridade dos famintos". A "fragmentação unificadora" aponta, através da poesia, para a liberdade porque desejo do poeta, como caminho possível na conquista de liberdade.



ISSN: 1983-8379

## Referências

- ARAÚJO, Lais Corrêa de. "Abertura para o debate" IN: *Murilo Mendes, o visionário*. (org.) RIBEIRO, Gilvan Procópio e NEVES, José Alberto Pinho. Juiz de Fora: EDUJF, 1997, p. 11-14.
- BERARDINELLI, Alfonso. "Poesia e gênero lírico: vicissitudes pós-modernas". In: *Da poesia à prosa*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 175-190.
- COLLOT, Michel. "O sujeito lírico fora de si". Trad. Alberto Pucheu. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, ano IX, n.11, p. 165-177, 2004.
- GUIMARÃES, Júlio Castanom. "Apontamentos sobre algumas aproximações e alguns procedimentos em Murilo Mendes". IN: *Murilo Mendes: o visionário*, (org.) RIBEIRO, Gilvan Procópio e NEVES, José Alberto Pinho. Juiz de Fora: EDUJF, 1997, p. 15-28.
- MARCONDES, Murilo. "Aproximação do terror". IN: *Murilo Mendes: o visionário*. (org.) RIBEIRO, Gilvan Procópio e NEVES, José Alberto Pinho. Juiz de Fora: EDUJF, 1997, p. 41-58.
- MENDES, Murilo. *Poesia Liberdade* IN. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995, p.399-439.
- RIBEIRO, Gilvan Procópio e NEVES, José Alberto Pinho. "Em busca de Murilo Mendes. IN. *Murilo Mendes, o visionário*, (org.) RIBEIRO, Gilvan Procópio e NEVES, José Alberto Pinho. Juiz de Fora: EDUJF, 1997, p.9-10.